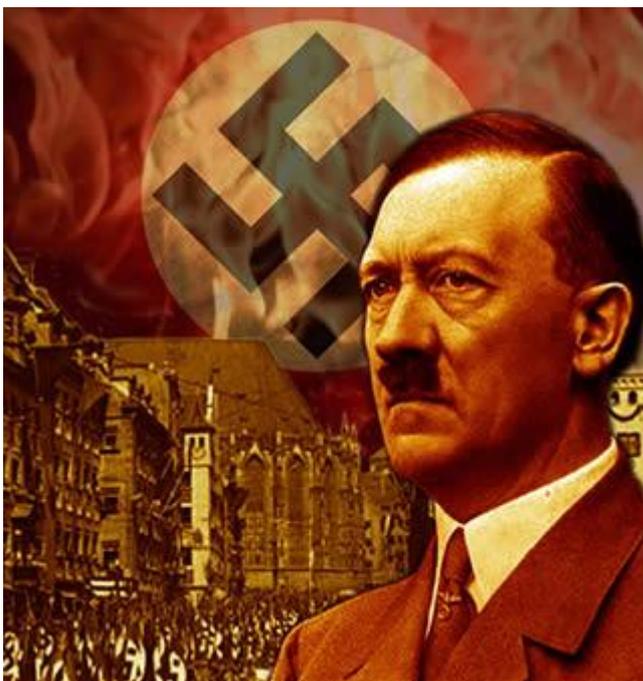


O Nazismo foi mesmo de direita?



Durante toda minha vida acadêmica fui doutrinado a acreditar que o nazismo representou o regime mais extremado de direita, o oposto do esquerdismo. No entanto sempre me chamaram a atenção alguns pontos comuns entre o nazismo e o socialismo, os quais já expus aqui no nosso blog nos debates com nossos leitores, a começar pela palavra “socialista” incluída no nome do partido nazista. Como um partido de “extrema direita” poderia ter em seu nome uma palavra tão simbólica? Socialismo teria outros significados que eu não conhecia?

Preferi acreditar que este seria apenas mais um acidente semântico,

sem maior importância, afinal foram os comunistas que colocaram uma pá de cal no nazismo ao invadir Berlim. E, na visão dualista com que fomos educados por nossos professores esquerdistas, opor-se à União Soviética, Cuba ou qualquer outro país socialista era o mesmo que se colocar no campo oposto. Ou seja, na direita.

Só mais recentemente quando li “O Caminho da Servidão”, de Hayek, é que finalmente encontrei a base teórica que confirmou minhas intuições e de tantas outras pessoas que engoliram mais este terrível engodo dos nossos historiadores esquerdistas. Não! O nazismo não foi de direita. Foi apenas uma vertente nacionalista do socialismo. Ou seja, mais uma terrível experiência totalitária de esquerda. Esta é a tese que vamos defender nesta série de posts.

A base filosófica do Nacional Socialismo

Muita gente que caracteriza o nazismo como de direita, defende a tese de que, apesar das indiscutíveis raízes socialistas, o nazismo foi “endireitado” por Hitler, o qual teria sido um capacho dos capitalistas alemães. Sobre este assunto vamos falar mais adiante. Por enquanto, vamos provar que o Nazismo não foi fruto apenas do delírio de Hitler. Muito antes dele, muitas publicações de socialistas alemães forneceram os subsídios teóricos que ajudaram a criar o monstro nazista.

Fichte, Rodbertus, Lassalle, Werner Sombart, Johann Plenge, H. G. Wells, Friedrich Naumann e Paul Lensch são alguns dos ilustres da época que hoje são quase desconhecidos da elite intelectual de esquerda que dominam as universidades desde o início do século XX. Mas seus livros estão aí para comprovar a análise de Hayek.

Claro que entre o ideal socialista original e o nazismo propriamente dito tem um longo caminho, o qual não foi percorrido em apenas uma década, como nos foi ensinado. As

contribuições teóricas desses autores foram se somando e formando a personalidade de Hitler.

De Fichte, um socialista utópico precursor de Marx, Hitler herdou as ideias anti-semitas. Segundo ele, **“permitir que os judeus se tornassem cidadãos alemães livres feriria a nação alemã”**. Fichte é também considerado o pai do nacionalismo alemão, uma das bases do regime nazista e de todos os seus derivados.

Marx foi além e afirmou, categoricamente, sobre os poloneses, as primeiras vítimas de Hitler: **“as classes e as raças fracas demais para conduzir as novas condições da vida devem deixar de existir. Elas devem perecer no holocausto revolucionário”**. Ou seja, a ideia do holocausto não só não foi de Hitler, como também foi implementada antes pelos comunistas na União Soviética como veremos adiante. Também, não por acaso, os poloneses foram um dos primeiros alvos de Hitler. Sigamos por enquanto com os filósofos do nazismo.

Friedrich Engels, o outro expoente máximo do comunismo, não deixou por menos e usou várias vezes o termo **“lixo racial”** (Völkerabfälle) em relação a várias pequenas nações européias.

Rodbertus, um dos contemporâneos de Marx, foi um dos teóricos do valor-trabalho. Ele é autor de bobagens do tipo “quanto maior a produtividade, maior a exploração”. Apesar do discurso típico socialista, surpreendentemente não pedia a abolição da propriedade privada. Ou seja, é um dos pais do “socialismo conservador” ou “socialismo de Estado” que combina forte dirigismo estatal com elementos do capitalismo, a vertente socialista abraçada pelo nazismo.

Lassalle, outro contemporâneo de Marx, vai na mesma linha ao rejeitar a utopia marxista sem classes, mas defendendo o socialismo de estado, exatamente como praticado pelos nazistas décadas depois.

Apesar das divergências, o que une todos estes teóricos é o combate ao liberalismo e ao individualismo inglês, o representante máximo do capitalismo que avançava por todo mundo, principalmente na América. O combate ao individualismo levava ao coletivismo socialista e a necessidade de um planejamento central. Para Werner Sombart, “as reivindicações individuais são sempre decorrentes do espírito mercantil (..) ***Há uma vida superior a vida individual – a vida do povo e do estado – e a finalidade do indivíduo é sacrificar-se por esta vida superior.*** Nada mais nazista (e socialista eu diria – ou seria o contrário?).

Johann Plenge e H. G. Wells dão um passo adiante na ramificação do socialismo alemão ao valorizar excessivamente o papel da Alemanha na construção desse novo mundo socialista que emergiria no novo século XX. Sombart argumentava que os verdadeiros ideais alemães de uma vida heroica estavam, antes da I Guerra Mundial, ameaçados de desaparecer por causa do avanço contínuo do liberalismo inglês. Ele sabia que outros povos desprezavam os alemães por seu espírito guerreiro, mas regozijava-se com isso. **A guerra inevitável entre alemães e ingleses representaria a “perspectiva heroica da vida”, a luta contra o ideal oposto, o individualismo e o mercantilismo inglês.**

Plenge, uma grande autoridade em marxismo, autor de “Marx und Hegel”, escreveu um outro livro que se tornou best-seller na Alemanha do início do século XX: “1789 e 1914: os anos simbólicos na história do espírito político”. A tese central da obra era o confronto entre os ideais da Revolução Francesa, notadamente o princípio da liberdade, e o ideal de 1914 que, segundo ele, seria o ideal da “organização”.

Segundo Plenge, “a organização é a essência do socialismo”. Para se diferenciar do marxismo histórico, ele afirmou que Marx traía essa ideia básica do socialismo ao “aderir à fanática e utópica ideia de liberdade abstrata” (seria uma “liberdade burguesa”?). A economia de guerra alemã de 1914 seria, segundo Plenge, “o primeiro passo na construção de uma sociedade socialista (..) Um novo e grande ideal de vida avança rumo à vitória, enquanto que, ao mesmo tempo, um dos princípios históricos (o liberalismo inglês) entra em colapso final”. Neste novo mundo, que surgiria da I Guerra Mundial, segundo Plenge, a Alemanha surgiria como a locomotiva socialista. Este seria seu destino histórico. Ou seja, tanto as vertentes alemã e russa que chegaram ao poder na primeira metade dos séculos XIX, apesar das divergências, tinham como objetivo expandir seus domínios a outras nações.

Portanto, a ideologia nazista já estava completamente criada já no século XIX. Faltava apenas a chegada do “messias” Hitler. Mas este já é o assunto para o próximo post. Até lá!

O Nazismo foi mesmo de direita?

(parte 2)



Como vimos no [post anterior](#), a base da ideologia nazista foi criada por filósofos socialistas já no século XIX, muito antes de Hitler aparecer para a política. No início do século XX, muitos outros socialistas de menor renome dariam também suas contribuições para formação da ideologia nazista. Um deles foi Paul Lensch. Doutor em ciência política, tornou-se editor de jornais e revistas (juntamente com Rosa Luxemburgo), o que o ajudou a popularizar ainda mais as ideias socialistas. Ele é hoje considerado o pai do Socialismo de Guerra, uma das vertentes radicais que defendia a luta

armada para a tomada do poder (assim como o bolchevismo na Rússia), em contraposição as influências do Socialismo Fabiano inglês que pregava uma forma gradual, linha seguida por Gramsci e adotada pelo meio acadêmico desde então.

Em um de seus livros, Lensch faz um relato histórico de como o sistema protecionista adotado por Bismarck, na segunda metade do século XIX, tornara possível na Alemanha uma evolução na concentração industrial e na cartelização da economia, o que caracterizaria um estágio superior do desenvolvimento industrial.

Nas palavras de Lensch, na Alemanha “designada pela história” para representar esta “forma superior” de vida econômica, “a luta pelo socialismo foi sobremodo simplificada, pois neste país, todos os requisitos do socialismo já se achavam estabelecidos. Portanto, era de vital interesse para qualquer partido socialista que a Alemanha triunfasse sobre seus inimigos, para cumprir sua missão histórica de revolucionar o mundo.” Ironicamente tanto Lensch quanto Rosa Luxemburgo (talvez a mais ilustre comunista da história) militaram para o SPD, que viria a se tornar mais tarde o Partido Comunista da Alemanha (KPD), um dos principais adversários de Hitler na década de 20. Ou seja, as divergências entre nazistas e comunistas eram mais pela disputa pelo poder do que por razões ideológicas de fato.

Apesar das divergências, um ponto em comum unia todos os grupos socialistas e nacionalistas da Alemanha do início do século XX: o ódio às potências capitalistas vencedoras da I Guerra Mundial. Além da Inglaterra, cujo ódio já vinha sendo alimentado por filósofos socialistas desde a revolução industrial, os EUA surgiam agora como o novo império capitalista a ser batido.

Temos aqui um dos principais pré-requisitos para os discursos esquerdistas: um grande inimigo externo. Além de facilitar a canalização do apoio popular e fortalecer os laços de companheirismo entre os participantes dos movimentos de esquerda, o inimigo em

comum é uma forma de simplificar a explicação dos problemas para as camadas mais populares, com a vantagem dos acusados não poderem se defender. A lógica é sempre a mesma: “Nós estamos pobres porque eles estão ricos”. Na visão estreita marxista, o enriquecimento de uns é consequência imediata da exploração do trabalho de outros, tese completamente obsoleta que não leva em consideração vários outros aspectos da teoria do valor, desenvolvida por economistas da Escola Austríaca.

Além do inimigo externo, o *modus operandis* dos esquerdistas inclui também um poderoso inimigo interno: os ricos. No caso específico da Alemanha, uma parcela dos ricos incomodava um pouco mais: os judeus. Era demais para o orgulho alemão ver estrangeiros ricos em meio a miséria do pós-guerra, ainda mais se estes estrangeiros se vestiam diferente e mantinham uma outra cultura em meio aos alemães. Mas, como vimos no post anterior, o ódio aos judeus já era alimentado por filósofos socialistas décadas antes da I Guerra Mundial. Como explicar tal ódio também em época de prosperidade?

Neste caso vamos ter que retornar a Idade Média. Como todos sabem, nesta época o poder da Igreja influía em tudo, inclusive na economia. Durante muito tempo, o veemente combate a cobrança de juros tornava o lucro também uma espécie de pecado, menor que a usura, mas ainda assim algo bastante condenável. Daí um dos motivos da estagnação econômica da Alta Idade Média. A partir do século XIII, com o afrouxamento da patrulha da Igreja, as leis de livre mercado começam a vigorar com um pouco mais de liberdade e algumas regiões da Europa experimentaram uma época de grande aceleração econômica que culminaria com o Renascimento.

Durante todo este tempo os judeus, livres das influências da Igreja, seguiram enriquecendo espalhados por diversas regiões da Europa. Portanto, o ódio (ou seria a inveja?) aos judeus não foi um fenômeno exclusivo dos alemães, sentimento este que só viria a aumentar nos séculos seguintes com o desenvolvimento do sistema bancário, setor em que os judeus tiveram grande influência até o início do século XX. E, na esteira do antissemitismo, prosperou também o ódio ao capitalismo, afinal a usura judaica era quase sinônimo de capitalismo, o novo sistema que nos primeiros anos da revolução industrial tinha produzido as cenas terríveis de exploração que inspiraram Marx em sua bíblia esquerdista: o Capital.

Surge o “mito”

E eis que surge Hitler. Depois de servir com distinção na I Guerra Mundial, o militar recebeu a missão de espionar os diversos grupos políticos da época. Um deles em especial chamou sua atenção por ser socialista, antissemita e nacionalista ao mesmo tempo: o Partido dos Trabalhadores Alemães.

Vejam bem. O partido era dos “trabalhadores”. Não era dos empresários, nem da elite ou qualquer força conspiracionista de direita. Para quem acha que o nome é apenas um acidente semântico, seguem alguns trechos do manifesto do PT alemão de 1920:

- Nós exigimos que o Estado tenha como principal dever prover o sustento de seus cidadãos.
- Exigimos a abolição da renda que não for obtida por trabalho. A quebra da escravidão dos juros.

- Exigimos a nacionalização de todas as empresas que se formaram em corporações (trustes).
- Exigimos participação nos lucros para os trabalhadores em grandes empresas industriais.
- Exigimos reforma agrária adequada às nossas necessidades nacionais, a aprovação de uma lei para a expropriação de terras para fins comunitários sem compensação; a abolição do arrendamento de terras, e a proibição da especulação com terras.

Era ou não era de esquerda o PT alemão?

Hitler gostou do que ouviu e, em pouco tempo, tornou-se o líder do partido, passando a fazer seus discursos inflamados pelas ruas da devastada Alemanha dos anos 20. Pouco tempo depois, mudou o nome do PT alemão para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, cuja sigla em alemão "NAZI", originou o termo nazista, usado pela elite intelectual de esquerda desde então para ofuscar a palavra "socialismo" e empurrar o nazismo para a direita, principalmente após a II Guerra Mundial quando, derrotado por Stalin, Hitler passou a ser negado por antigos simpatizantes de esquerda, como Getúlio Vargas, Perón e Allende, por exemplo.

E mesmo com a mudança de nome, o partido não mudou de ideologia. Seu slogan dizia o seguinte: "O interesse comum antes do interesse próprio. Esse é o espírito do Nacional Socialismo", o mesmo ideal que inspirou tantos esquerdistas ao longo do século XX a dar suas próprias vidas pela equivocada causa comunista.

Não demorou e o salvador da pátria já tentou chegar ao poder pela primeira vez em 1923, via golpe, claro, uma prática comum na história da esquerda. O golpe foi contido e 18 comparsas de Hitler morreram nos confrontos com a "polícia opressora de direita", os quais viriam a ser glorificados mais tarde como mártires da luta pela pátria alemã.

O líder, para infelicidade do mundo, foi poupado. Poderia ter sido condenado à morte, mas, no dia do seu julgamento, fez uso da palavra e, como tinha um grande poder de oratória, amoleceu os jurados, contando sua história sofrida de homem do povo, que teria vindo dos confins da Áustria, lutado pela pátria germânica na I Guerra Mundial e blá blá blá. Sensibilizados, os jurados deram apenas cinco anos de prisão ao líder trabalhista, tempo que ele aproveitou para amadurecer ainda mais suas ideias nefastas, além de escrever a primeira edição do seu best-seller "Minha Luta", que mais tarde viria a se tornar a bíblia nazista.

E como sempre acontece com os líderes carismáticos de esquerda, a prisão serviu também para aumentar ainda mais a popularidade do representante dos trabalhadores alemães, que passou a receber ilustres visitas em sua bela cela com vista para o campo.

Livre e de volta às conspirações, Hitler já era um homem rico e não precisava mais trabalhar. Resolveu iniciar uma caravana por toda Alemanha, chegando a fazer cinco comícios por dia. Com a ajuda de um publicitário competente, fez imagens aéreas das multidões as quais passaram a ser exibidas nos comícios seguintes, ajudando a aumentar ainda mais a popularidade do salvador da pátria (qualquer semelhança a outros líderes carismáticos de esquerda não é mera coincidência).

Apesar de todo esforço e do crescimento exponencial de sua militância durante a década de 20, as duas primeiras tentativas de chegar ao poder pela via democrática foram frustradas. Mas Hitler não desistiu. Arregaçou as mangas, continuou sua caravana até ser finalmente chegar ao poder em 1933.

Como todos podem ver, Hitler não precisou inventar nada. Já encontrou uma ideologia pronta, criada por socialistas. Sua contribuição foi uma dose de populismo, uma das principais características dos esquerdistas de todo o mundo que tentaram chegar ao poder pelas vias democráticas.

Resta, portanto, uma dúvida, que é também o principal argumento dos esquerdistas para jogar Hitler no colo da direita: como o nazismo poderia ser de esquerda se Hitler era inimigo dos comunistas?

Mas este já é assunto o próximo post desta série. Até lá.

O Nazismo foi mesmo de direita?

(parte 3)



As duas vertentes socialistas “na luta” pelo poder

Como vimos nos posts anteriores desta série (ver links abaixo), a Alemanha foi um terreno fértil para as ideias socialistas. Não por acaso, a grande maioria dos filósofos socialistas são alemães.

Apesar da sintonia de todos os pensadores quanto à “necessidade de substituir o capitalismo pelo socialismo”, além de “criar um novo homem”, desde o final do século XIX já começou a haver uma cisão entre duas correntes principais: 1) A vertente marxista, que pregava a abolição da propriedade privada, chegou ao poder na Rússia em 1917; 2) A vertente conservadora socialista, que concordava com o planejamento da economia, mas não concordava com a abolição da propriedade privada, seguiu tentando chegar ao poder via Partido dos Trabalhadores Alemães, o qual viria se tornar mais adiante o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, hoje mais conhecido como partido Nazista.

É importante deixar bem claro que o principal motivo da cisão, a ideia marxista de abolir a propriedade privada, é posterior ao surgimento do socialismo. Portanto, como não foram os socialistas conservadores que mudaram o ideal socialista, e sim Marx que radicalizou a ideia inicial ao introduzir esta nova utopia. Não por acaso, muitos dos socialistas do século XIX consideravam Marx um traidor da causa “ao aderir à esta fanática e utópica ideia de liberdade abstrata” como já citamos no primeiro post desta série. E aqui temos mais uma grande ironia da história. O socialismo original, hoje chamado de utópico, era mais racional e realista, enquanto que o socialismo “científico” de Marx, pregava justamente a utopia de uma sociedade sem classes e sem propriedade privada! Vá entender...

Voltando ao século XX, quando Lenin morreu, em 1924, um dos principais assessores de Hitler, seu ministro da propaganda, Joseph Goebbels publicou um artigo no New York Times enaltecendo o líder russo e apontando as semelhanças entre o comunismo e o nazismo, sem esquecer de salientar que “Lenin só seria superado por Hitler”. E olha que Hitler ainda nem tinha chegado ao poder!

Em meio à baderna que se tornou a Alemanha dos anos 20, com uma hiperinflação de mais de 1000% ao mês, comunistas e nazistas disputavam o posto de “salvadores da pátria”, criticando o capitalismo e prometendo um futuro glorioso, socialista. Ambos os partidos, apesar de legais, criaram verdadeiros exércitos paramilitares. Disputaram todas as eleições democráticas, mas sempre conspiraram para chegar ao poder via golpe de estado. E mesmo com tantos pontos em comum, comunistas e nazistas tornaram-se inimigos ferozes, chegando a se digladiarem nas ruas, deixando como saldo dezenas de mortos.

Com Hitler no PT alemão, o partido foi se tornando cada dia mais parecido com seu novo líder. Mais tarde ele viria a se tornar maior que o partido.

Diferente de um líder sindical brasileiro, presidente de um partido socialista sem nunca ter sido de fato socialista, Hitler expressou em várias ocasiões suas convicções políticas. Confirmam algumas de suas afirmações:

“Eu aprendi muito do marxismo, e eu não escondo isso (...) Todo o Nacional Socialismo está contido lá dentro (...) O nacional socialismo é aquilo que o marxismo poderia ter sido se ele fosse libertado dos entraves estúpidos e artificiais de uma pretensa ordem democrática (...) Não é a Alemanha que será bolchevisada, é o bolchevismo que se tornará uma espécie de nacional socialismo.”

Notem que já nesta época a ideia de dominar a Rússia já estava bem clara na cabeça de Hitler. Isto ajuda a entender o porquê da traição de Hitler a Stalin, anos depois. Mas vamos em frente com seu discurso:

“Aliás, existem entre nós [nazistas] e os bolchevistas mais pontos comuns do que há divergências, e, antes de tudo, o verdadeiro espírito revolucionário, que se encontra na Rússia como entre nós, por toda a parte onde os marxistas judeus não controlam o jogo.”

E aqui está uma outra importante razão para a cisma entre nazistas e comunistas: o antissemitismo. Apesar de Marx plantar algumas sementes do antissemitismo, como já vimos no primeiro post desta série, ele também era descendente de judeus. É interessante observar que o próprio Hitler também teria sido descendente de judeus, segundo alguns historiadores. E mais recentemente, um ex-combatente da II Guerra Mundial, Patrick Delaforce, revelou no seu livro [“O arquivo de Hitler”](#), que o ditador teria participado já em 1918 de uma das primeiras tentativas de golpe comunista na Alemanha, no estado da Baviera.

Portanto, o antissemitismo extremado dos nazistas levou os socialistas judaicos, mesmo os que não concordavam plenamente com a utopia marxista, a se alinharem entre os comunistas, até como uma forma de se protegerem dos nazistas. E, para aumentar ainda mais o ódio de Hitler aos comunistas, muitos desses judeus socialistas tornaram-se importantes líderes, assim como o próprio Marx, que já nesta época já era endeusado. Endeusar um judeu? Era demais para cabeça de Hitler! Mas vamos em frente com o discurso de Hitler:

“Eu sempre levei em conta esta verdade [os pontos comuns entre comunistas e nazistas] e é por isso que eu dei ordem de aceitar imediatamente no partido todos os ex comunistas.”

*Fonte: Adolph Hitler, apud Hermann Rauschning, **Hitler m’a dit**, Coopération, Paris 1939, p. 153. Rauschning foi Governador Nazista de Dantzig, e muito próximo de Hitler.*

Fora da Alemanha, parte da esquerda já apoiava Hitler, inclusive figuras ilustres ainda hoje celebradas pelo meio acadêmico como, por exemplo, o famoso escritor socialista inglês, Bernard Shaw, que defendeu abertamente “o extermínio de pessoas não

adaptadas e inúteis para a sociedade”. Vejam o que ele disse anos antes do holocausto: “*Sugiro aos químicos que descubram um gás que mate instantaneamente de forma indolor.*” Para quem duvidar, esta fala está registrada em um filme, da boca do próprio Shaw. Incrivelmente poucas pessoas sabem disso. E mais uma vez Hitler incorpora a sua fanática ideologia ideias de “companheiros” socialistas, até mesmo dos odiados ingleses.

Um outro fator que foi decisivo para a radicalização da disputa política entre nazistas e comunistas foi o nacionalismo. Na Alemanha humilhada na primeira Guerra o apelo nacionalista foi uma das armas de Hitler para atrair simpatizantes. Aliás, a tática ainda hoje é repetida por todos os caudilhos tanto de esquerda quanto de direita (da direita não liberal, que fique bem claro). A utopia igualitária marxista pressupunha a convivência harmônica entre todas as nações num futuro onde todo o mundo se tornaria comunista e as classes abolidas. Alemães e ingleses convivendo pacificamente, saudando-se com o tradicional “companheiro”... Era demais para a cabeça cheia de ódio de Hitler. Seu altruísmo socialista não chegava a tanto.

Como todo populista, Hitler procurava sempre estimular o antagonismo. Explicando certa vez sobre o porquê do anti-semitismo, o então candidato a caudilho afirmou na cara de pau: “devido ao fato do anti-semitismo ser a melhor estratégia para atrair militantes nacionalistas”. Sincero, não?

A mesma estratégia ele usou para conquistar também o apoio dos empresários. Ou seja, assim como um conhecido sindicalista brasileiro, hábil moldar o discurso a platéia, Hitler pregava sempre uma no cravo e outra na ferradura. Para a massa trabalhadora, a promessa de melhores salários, do fim da exploração capitalista e todo aquele conhecido repertório socialista. Para os empresários, Hitler chamava a atenção para a ameaças judaica e comunista que a cada dia tornava-se mais real com a ascensão soviética.

Funcionou. Hitler rapidamente conseguiu o apoio dos pequenos e médios empresários temerosos de perderem suas propriedade e, ao poucos, foi conquistando também os grandes. Mesmo quem não concordava com as ideias radicais do novo líder, via-se impelido a apoiá-lo pela força da apaixonada militância que crescia a cada dia. Primeiro a Lufthansa lhe concedeu um avião para sua “caravana” por todo o país. Em seguida, a indústria automobilística (inclusive a Ford americana e a Renault francesa) e demais setores da economia alemã mostraram-se simpáticos a Hitler.

Nas disputadas eleições alemãs dos anos 20, os sociais-democratas do poder eram constantemente ameaçados por comunistas, nazistas e direitistas. Isso mesmo, a direita alemã não era o partido nazista, era o Partido Popular (o *Deutschnationale Volkspartei, DNVP* ou “Nacionalistas”). E, a medida que crescia a rivalidade eleitoral entre comunistas e nazistas, a ultra direita começou a simpatizar com o novo e carismático líder.

Apesar de perder as eleições dos anos 20, o partido nazista crescia sua representação no parlamento. Sempre fardados com seus uniformes paramilitares, os nazistas sempre fizeram muito barulho, jogando pedras em tudo e em todos.

Finalmente, no início dos anos 30, o partido Nazista tornou-se o maior partido da Alemanha, mas não conseguiu a maioria necessária para assumir o poder nas eleições de

1933. Ele só se tornaria chanceler depois que o Partido Popular (de direita) lhe deu o apoio decisivo, assim como aqui no Brasil o “Partido Liberal”, de José de Alencar, deu seu aval a Lula, em 2002.

A chegada de Hitler ao poder coincidiu com o momento da recuperação da Crise de 1929, o que ajudou ainda mais a reforçar o mito Hitler. A Alemanha teve então um período de cinco anos de progresso até o início da II Guerra Mundial e, claro, Hitler atribuiu a si próprio todo o progresso da época.

Agora que as duas vertentes socialistas finalmente chegaram ao poder, como seriam as relações entre os dois grandes líderes socialistas, Hitler e Stalin? Existem provas concretas de que eles foram aliados? Se foram aliados, por que Hitler invadiu a Rússia? Confira o próximo post da série. Até lá!

O Nazismo foi mesmo de direita?

(parte 4)



As relações entre Hitler e Stalin

Durante muito tempo Hitler monopolizou o título de maior assassino da história, apesar de recentemente surgirem alguns malucos afirmando que o holocausto nunca existiu e que tudo não teria passado de uma armação judaico/americana para justificar a criação de Israel. Ou seja, não importam as milhões de provas de um dos eventos mais bem documentados da história, com imagens e áudio, inclusive. Não importam as milhões de testemunhas oculares vivas, com suas cicatrizes, que relatam em detalhes os eventos negados. Sempre vai existir uma legião de fanáticos dispostos a acreditar em qualquer teoria conspiracionista, como tantas que circulam por aí, infelizmente.

E assim tem sido com Stalin, o maior assassino da história da humanidade que alguns esquerdistas fanáticos insistem em defender. Já antes do discurso histórico de Khrushchev na cúpula comunista, em 1956, que revelou ao mundo algumas das atrocidades cometidas por seu antecessor, muitos indícios chegavam ao ocidente sobre o que acontecia por trás da cortina de ferro. Recentemente me deparei com mais uma novidade sobre o período stalinista. Pouca gente sabe, mas mais de seis mil norte-americanos migraram para a Rússia no período da Grande Depressão, sendo que boa parte deles terminou exterminada nos campos de concentração de Stalin ([ver aqui](#)). Não é apenas um livro que traz estas informações. Desde o final da década de 70, pelo menos cinco livros foram publicados sobre o assunto, sem contar com títulos de outras nacionalidades com histórias semelhantes. E sabe quantos desses livros foram publicados no Brasil? Nenhum. Ou seja, mais uma prova do mau-caratismo do Marxismo Cultural que domina o nosso meio acadêmico há décadas.

Desde a queda do comunismo, apesar do ainda nada democrático regime russo e das páginas arrancadas dos arquivos da imprensa oficial, mais historiadores trazem novidades sobre este período sombrio da história da humanidade. Uma delas já não é tão novidade assim: Stalin exterminou mais compatriotas que todas as vítimas do nazismo. Aliás, ninguém matou mais comunistas do que os próprios comunistas. No mesmo ano em que Hitler chegava ao poder, Stalin já havia exterminado milhões de compatriotas, principalmente entre as etnias minoritárias da União Soviética. Ou seja, não foram os nazistas que inventaram os campos de concentração. Eles aprenderam com os comunistas.

Desde 2008, o documentário “The Soviet Story”, fruto de dez anos de pesquisa de um grupo de historiadores europeus, mostrou as ligações entre Hitler e Stalin antes e depois do início da guerra. ([ver aqui](#))

Para quem duvida, o documentário mostra documentos, depoimentos de sobreviventes, historiadores, dissidentes soviéticos, ex-oficiais do Partido Comunista soviético, além de imagens dos líderes alemães e russos sorridentes, brindando e discutindo o

andamento da guerra, assim como imagens dos exércitos alemão e russo juntos, saudando seus líderes com o gesto típico da mão levantada, comum aos dois regimes.

O documentário confirma, portanto, as denúncias do dissidente Trotsky, um dos líderes comunistas mais próximos de Lenin (portanto, um candidato natural a substituí-lo), exilado da URSS assim que Stalin tomou o poder e, mesmo assim, foi morto com uma picaretada na cabeça por um agente soviético no México. Ele sabia que estava marcado para morrer e, por isso mesmo, gravou imagens denunciando a perseguição comunista aos judeus, assim como na Alemanha nazista.

Que os dois líderes haviam firmado um pacto, não é nenhuma novidade. Mas, diferente da versão oficial de que se tratava apenas de um “pacto de não agressão”, as novas descobertas mostram que o acordo ia bem além, incluindo um plano de partilha dos futuros territórios ocupados no conflito, o qual seria arditosamente tramado pelos dois ditadores, a começar pela invasão da Polônia e da Finlândia.

A primeira etapa do acordo foi fielmente cumprida. Os alemães invadiram a Polônia pelo leste e os russos pelo oeste. Já nesta época, charges de jornais ocidentais já insinuavam a parceria que ninguém queria admitir.

Como a parceria não havia (nem nunca foi) confirmada oficialmente pelos russos, os líderes ocidentais, certamente numa tentativa de sabotar os planos de Hitler, convidaram Stalin para integrar as forças da aliança, convite este que foi devidamente recusado. Ou seja, ele apenas cumpriu seu pacto secreto com Hitler. Stalin só não contava com a traição posterior do seu amigo nazista. Na verdade, eram duas raposas aguardando o melhor momento para dar uma rasteira na outra. No caso de Stalin, o plano era deixar Hitler fazer o maior estrago possível na Europa para depois aparecer como o grande salvador, o que de fato terminou acontecendo. E graças aos historiadores marxistas que dominam as universidades, a vitória dos comunistas sobre os nazistas em plena Berlim caiu como uma luva na tentativa de criar um discurso antagônico entre as duas ideologias, como se o nazismo significasse a extrema direita esmagada pelos comunistas, como aliás a maioria das pessoas ainda acredita hoje.

Analisando os fatos hoje fica fácil ver o tamanho da audácia de Hitler ao invadir o gigante comunista. Porém, do seu fanático ponto de vista, inflado ainda mais com as vitórias fáceis que o levaram em pouco mais de um ano a conquistar boa parte da Europa (inclusive a poderosa França), a humilhante derrota do até então aliado Stalin na frustrada invasão à Finlândia certamente levou Hitler a concluir que as tropas russas eram despreparadas. Não seriam páreo para o competente e temido exército alemão. O documentário não faz estas afirmações, vale salientar. Apesar de não ser historiador, me parece lógico que a derrota dos russos na Finlândia pode sim ter encorajado Hitler a subjugar também o gigante comunista. E talvez pudesse mesmo, caso o inverno russo não fosse tão rigoroso, fato este determinante na virada dos comunistas, que até então estavam sendo acuados.

Cinco anos depois de lançado o filme documentário, nenhuma refutação séria conseguiu desmenti-lo. A grande maioria da crítica é positiva. Quase todas as críticas negativas vêm da Rússia, sempre acompanhadas de muito ódio e falácias esquerdistas. O mais indignado crítico, Alexander Dyukov, chegou a lançar um livro em contraponto ao documentário. Sua primeira reação ao ver o filme foi: “tive só um desejo: matar seu

diretor e queimar completamente a Embaixada da Letônia” (a Letônia é o país de onde o documentário é originário). Daí já dá para ver o quanto o cara é racional e aberto ao debate.

Ao contrário do filme, o livro de Dyukov não teve nenhuma repercussão, pois não conseguiu convencer ninguém sobre as “supostas mentiras” do documentário.

Um outro crítico, menos instável emocionalmente, Ivars Ijabs, afirmou que o documentário contém erros. Solicitado a citar um dos erros identificados, ele diz o seguinte: “No início de 1930 Hitler ainda não havia planejado um genocídio sistemático contra os judeus (..) Todo o mundo sabe que esta decisão foi tomada em 1942 na Conferência de Wannsee em Berlim”. Ora, Hitler fez campanha eleitoral, desde os anos 20, promovendo o ódio contra os judeus. Muitos fugiram da Alemanha antes mesmo da guerra começar, pois já percebiam os rumos regime nazista caso chegasse ao poder. Como afirmar que a ideia de extermínio só veio depois de 1942?

Enfim, quaisquer que sejam os argumentos, provas ou mesmo testemunhos de sobreviventes dos holocaustos nazista ou comunista, sempre vai haver fanáticos tentando tapar o sol com a peneira, afinal o esquerdismo, mais que uma ideologia, virou uma espécie de religião, onde a certeza do “fazer parte do time de iluminados humanistas” torna qualquer argumento contrário parte de uma uma “terrível conspiração de um suposto ente capitalista oculto”.

Como se não bastasse os milhares de neonazistas do mundo todo que ainda conseguem defender Hitler de todas as atrocidades cometidas, mais recentemente surgiu também um autor norte-americano, Grover Furr, que sustenta a incrível tese de que tudo que hoje sabemos sobre Stalin, através do famoso discurso de Khrushchev, é mentira! Uma das provas mais “irrefutáveis” do livro é uma carta de Stalin que dá a entender (aos mais fervorosos comunistas, claro) que o mesmo não sabia de um dos vários genocídios acontecidos na sua gestão! Ou seja, a culpa, como sempre, é dos subordinados. Assim como Lula, ele também não sabia de nada.

Mas o cara “refuta” cada uma das afirmações de Khrushchev com “provas” que exigem do leitor um exercício de fé inabalável nas boas intenções marxistas. Ele só não explica como é que Khrushchev, no auge da Guerra Fria, disputando cada território do mundo com os EUA e tentando conseguir novos adeptos para o projeto comunista, teria a estratégia suicidada de divulgar as monstruosidades de Stalin apenas por capricho, ou talvez por despeito. E olha que Stalin já havia morrido há três anos e Khrushchev já havia chegado ao ponto mais alto que poderia chegar no comunismo. Haja ressentimento para justificar tamanho tiro no pé!

Portanto, sejam quais forem as contestações, tanto no caso de Stalin quanto de Hitler, até aqui elas se apegam a pequenos detalhes que, mesmo que fossem comprovados de fato, não refutariam a tese central do documentário “The Soviet History”, que mostra as semelhanças e o irrefutável pacto entre Hitler e Stalin, dois parentes bem próximos da árvore genealógica socialista, responsáveis pela morte morte de mais de 100 milhões de pessoas no século XX. Tudo em nome da “construção de um homem melhor”.